

MACHADO DE ASSIS E EÇA DE QUEIRÓS NA REVISTA MODERNA (1897 – 1899) - POR MAGALHÃES DE AZEREDO

Critérios da edição

Adotamos como texto-base, para a edição dos breves estudos de Magalhães de Azeredo relativamente às obras de Machado de Assis e Eça de Queirós, a lição da *Revista Moderna* (1897 – 1899). Optamos por atualizar a ortografia de acordo com a norma do português do Brasil hoje em vigor, observando os seguintes critérios:

1) Atualiza-se a ortografia quando a divergência gráfica não corresponder a uma realização fônica distinta, como em “*phase*”, “*rythmo*”, “*phrenesi*”, “*commum*” e *elle*” (para “fase”, “ritmo”, “frenesi”, “comum” e “ele”);

2) Não se atualiza a ortografia quando a divergência gráfica corresponder a uma realização fônica distinta ou possivelmente oscilante à época, respeitando-se, quando for o caso, a opção do autor por uma das formas (“*idea*”, “*zig-zag*” e “*cousa*”);

3) Mantém-se rigorosamente a pontuação que consta no texto-base, exceto nos casos de gralhas flagrantes, em que o acréscimo segue com [];

4) Mantém-se as maiúsculas pela lição do texto-base;

5) Corrige-se a gralha “os rigores do santa Ofício” (para “os rigores do santo Ofício”);

6) Atualizam-se as grafias dos nomes próprios, como em “*Anthero*”, “*Queiroz*” e “*Braz*” (para “*Antero*”, “*Queirós*” e “*Brás*”);

7) Mantém-se as grafias dos nomes próprios quando no texto-base são empregados na língua original, como “*Victor Hugo*”, “*Fra Angelico*” e “*Don Juan*”;

8) Mantém-se a expressão “*Il ne se gêne pas*” e a palavra “*villa*”, tal como aparecem no texto-base;

9) Mantém-se a grafia de “*Miguel Angelo*”, tal como aparece no texto-base (atualizando apenas para “*Miguel Ângelo*”);

10) Mantém-se a lição do texto-base sempre que está evidenciada intenção estilística e/ou aproximação, com a elisão da vogal, com a modalidade oral da língua (como em “d’alma”).

MACHADO DE ASSIS

Magalhães de Azeredo

Revista Moderna

Ano 1º - 5 de novembro de 1897 - Número 9

Celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literária. Grande coisa é a unidade de uma vida, a convergência invariável de todos os seus dias e de todas as suas horas para um só e mesmo ideal, principalmente, quando este é um dos que com mais pureza resumem o que de divino guarda ainda a Humanidade, no meio das suas mil misérias... Machado de Assis, tendo-se voltado à sua Arte desde a adolescência, conservou-se-lhe fiel, sem hesitações nem desfalecimentos, até que já lhe branquejam os cabelos sobre a fronte ainda jovem, porque ele, como me dizia numa carta, não é “dos que dão para octogenários”. Intacto o fervor dos vinte anos o alenta no labor literário; mestre consagrado, não entende que tal qualificação lhe seja uma aposentadoria; não lhe falem de dormir à sombra dos conquistados louros, ou de pousar sobre os muitos livros superiormente escritos, a forte e nobre pena, ativa como a enxada do camponês madrugador, fina como o buril do escultor que sonha com deuses e Galatéias. Sempre moço, ele deseja estar à frente dos moços, combater com eles, com eles ir jornadeando pelo futuro avante. Provavelmente, seduções pérfidas o assaltaram, aqui e ali, no seu longo caminho; mais de uma vez por certo, a Política — sereia estranhamente falaciosa e lasciva, a cujas propostas poucos escapam nas nossas terras da América — veio segredar-lhe aos ouvidos ternuras e promessas quais só ela as sabe; mas Machado de Assis, como quem conhecia bem a loureira formosa e cínica, encolheu os ombros, desdenhoso, e foi andando. Assim era, assim é. Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua própria obra. Vasta é ela, e vária, distribuída em tão largo tempo,

com sinceridade e perseverança, por quase todas as “províncias da literatura”, como antigamente se dizia. Cultivar a poesia, o conto, o romance, o teatro, a crítica, o folhetim, a crônica, tudo isso galhardamente; sendo pelo estilo um artista acrisolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma espécie de filósofo sem presunções, que, descuidoso de nos dar o seu sistema completo, nos dá tão só fragmentos soltos de filosofia; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existência; eis também o que me tentaria a ensaiar sobre ela um detido e minucioso estudo, que tomaria meio fascículo, ao menos, da *Revista Moderna*... Mas o espaço é tirânico na sua estreiteza. Apenas posso, a traços breves, interpretar o temperamento tão original de Machado de Assis.

Poeta, rimando sonhos nas manhãs da adolescência, ele aparece, em momento de transição, entre os ultra-românticos ululantes ou possessos, fracos herdeiros daquela forte geração que abriu o século, e os parnasianos da Musa impassível, dispostos a lavrar o verso como matéria preciosa e fria; o senso da harmonia – inato no seu espírito como no de um ateniense – ensina-lhe a evitar, com igual zelo, ambos os extremos, mostrando-lhe bem que a estrofe não pode ser o eterno tubo lacrimatório dos funerais arcaicos, ou o banal porta-voz de retóricos furores, mas que também reduzir a poesia a mera arte imitativa ou plástica é, não só baixar-lhe o nível, mas restringir-lhe extraordinariamente o horizonte. Em verdade, desde então, os seus versos revelam, como feição predominante, um justo equilíbrio entre a essência e a forma, segundo se nota em particular nas composições dos gregos. E com certos gregos tem ele pontos de afinidade; não falo nos arroubos de Píndaro, ou nas exuberâncias fogosas de Alceu; mas não o reconheceriam por parente *Mimnermo*, *Simônides*, *Anacreonte*? Justamente Uma ode de *Anacreonte*, que se lê nas *Falenas*, o velho de *Teos* não a faria com mais elegância, nem com tanto sentimento. Semelhanças se acharão também entre Machado de Assis e os bons quinhestistas, cujas redondilhas tão límpidas e conceituosas especialmente lhe agradam. Mas, para diferenciá-lo dos gregos, há o grande fato do Cristianismo, que, conquistando todas as gentes, a ninguém permitiu mais ser pagão, nem a *Gautier*, nem a *Carducci*, nem ao mesmo *Goethe*; e, para distanciarlo dos quinhestistas, aparecem outros elementos, como a Reforma, a Enciclopédia, a Revolução Francesa, e os graves problemas sociais que não preocupavam os entendimentos naquela era de navegações e

descobertas... Mas vê-se que Machado de Assis bebeu inspiração nas mesmas fontes que Garrett, de quem tem a graça meditativa e mórbida, sem ter decerto as áscuas do seu candente lirismo. Ele nasceu bem na sua época, e é deveras um moderno, a despeito de muita coisa que o fere acaso nos modernos costumes, a despeito dos clássicos encantos com que a sociedade antiga lhe acena dos seus longínquos nimbos. Excluo a Idade Média; então o seu libérrimo espírito o tornaria suspeito a todos os tiranos, e o apontaria aos rigores do [santo] Ofício... Nas *Falenas* e nas *Americanas*, como nas *Crisálidas*, já se manifesta, traço saliente da sua estética, a melancolia; mas é a melancolia genérica do sonhador, vaga e quase voluptuosa, não a melancolia característica do pessimista, raciocinada e resignada a um tempo, que ressumbra em composições ulteriores, como o *Círculo Vicioso* e a *Mosca Azul*.

Também foi gradualmente que na prosa se desenvolveu a sua índole de maravilhoso humorista, que no *Brás Cubas* atingiu o sumo grau de originalidade e independência. Os prenúncios de tal pendor apenas se lhe adivinham nos primeiros contos e romances pela preocupação psicológica e moralística; mas ainda os caracteres humanos lhe fornecem antes recursos dramáticos para o enredo e o desenlace da ação que estímulos para o exercício da sua magistral ironia.

Essa flor amarela e mórbida do desencanto, sem dúvida uma forma, e das mais requintadas, da sabedoria, só pode ser, num indivíduo ou num povo, resultado de longo cultivo, de complicada evolução. Como se engendrou e desabrochou ela no espírito de Machado de Assis? Para a sua alma, delicadamente, angustiosamente sensível, tanto como refletida e analista, a experiência deve ter caminhado depressa ora, no espetáculo da realidade, dois fenômenos capitais sobretudo o impressionam, quando ele considera o homem face a face com a natureza a que pertence: um é a sua pequenez, a sua quase nulidade como fator na ordem universal, sujeito que está sempre a um encadeamento de leis que não formula a seu talante e não pode suspender ou abrogar; outro é a sua insignificância mesmo no foro íntimo, tantas causas conhecidas e desconhecidas concorrem para lhe enfraquecer o livre arbítrio até nos mínimos atos.

Assim, os personagens de Machado de Assis são geralmente caracteres indecisos, hesitantes, atormentados pela moléstia da dúvida: incoerentes? contraditórios? de acordo; mas verdadeiros por isso mesmo. O zig-zag está mais na lógica real que a linha reta: nada tão co-

mum como a dualidade, a multiplicidade até de uma alma humana; algumas há de uma só peça, mas são tão raras! Também ninguém melhor que Machado de Assis acompanha e traduz as modificações lentas que sofre uma idéia até tornar-se volição e ato. Vede o caso dos cinco contos de réis no *Brás Cubas*, e o da Atalaia com o Rubião do *Quincas Borba*, e ainda o estudo magnífico do Enfermeiro nas *Várias Histórias*. Compreendo que, por vezes, os comentários do escritor se vos afigurem perversos, sendo somente justos. Um único homem ousou desnudar-se ante a posteridade, mostrar-se tal qual era; foi Rousseau nas *Confissões*; e fez logo a impressão de um monstro... Machado de Assis por sua parte, descobrindo em flagrante certos cantinhos obscuros de humanidade, ilumina-os de súbito com uma frase fulgurante. O leitor protesta, ofende-se, brada: Maldizente crítico! E, entretanto, ali não há mais que a tranqüila constatação de um fato. Basta, por exemplo, um trocadilho; como quando ele diz: “Marcela morria de amores pelo Xavier. Morria não. Vivia. Viver não é o mesmo que morrer, segundo afirmam todos os joalheiros deste mundo...” A atitude do autor é a de juiz severamente minucioso no inquirido e indulgente na sentença, porque, no seu critério, as circunstâncias atenuantes não escasseiam; mas estas só aproveitam a cada indivíduo, e não ao conjunto dos seres, à maneira por que está organizado o mundo, onde a parte do erro suplanta a da razão... Tudo isso já indica bastante que a sua filosofia não pode ser alegre. Eu acredito que a princípio o estoicismo secretamente o atraísse como o ideal das escolas. Mas nem todos chegam à perfeição de professar que a Dor é uma ilusão; Machado de Assis não tem o caráter duro que o estoicismo pede, e para ele a Dor é uma indubitável e inevitável realidade; o prazer é que não passa, acaso, de dor abortada... Ora, se nos cumpre a todo transe suportá-la, suportemo-la ao menos com espírito; e se nenhum esforço nos subtrai ao jugo férreo do Destino, mostremos a nossa superioridade de entes racionais, não envergonhando-o, que ele tem a face rígida e cínica, mas escarnecendo-o sem cólera... Então, a ironia é a grande arma; simplesmente, é uma arma de dois gumes, que fere também os que usam dela.

E a ironia de Machado de Assis é particularmente acerba. Comparai-o com os humoristas ingleses, sobretudo com *Sterne*, a quem o ligam algumas semelhanças de forma; aqueles são mais zombeteiros e menos profundos, interessando-se especialmente pelos contrastes graciosos e grotescos; Machado de Assis busca antes, ou encontra sem os

buscar, contrastes moralmente trágicos; o próprio *H. Heine* não vai tão longe como ele nesse ponto, nem *Anatole France*, que em não poucas páginas recentes lembra assaz o nosso autor. Portugal tem hoje o seu grande humorista: Eça de Queirós; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus períodos, como Machado de Assis na mansidão quase ingênua com que a expõe os seus trechos de doutrina. Há tal capítulo no *Brás Cubas* que, à primeira vista desperta irresistivelmente o riso; e depois deixa nos lábios um sabor de fel – recordando o riso provocado por aquela erva venenosa ... precisamente: o riso sardônico de Machado de Assis é, pois, de algum modo, um demolidor de ilusões e talvez de teorias, demolidor sem ódios nem exageros. Mas, em compensação, quantos e que altos monumentos de estilo tem construído! Porque o estilo é uma das condições superiores que asseguram a imortalidade à sua obra. Antes de tudo, ele possui na linguagem um instrumento admirável de expressão, conciliando a pureza castiça do idioma clássico com maleabilidade, a precisão, a força sintética que exige a literatura moderna. Sóbrio, exato, singelo por gosto e não por pobreza de vocabulário, ele não descarta as qualidades musicais do período; tem o hábito da frase bem feita, de tal jeito que as suas crônicas, e não raro as suas cartas, se podem ler como páginas de livro. Aqui e ali, muita gente lhe achará capítulos pouco claros, ou excessivamente pálidos; mas isso acontece quando o pensamento mesmo é cheio de reservas e distinções, ou subtil demais, quase intraduzível em palavras. De resto, convenho em que pessoas simplistas se desesperarão com frequência, ao ler alguns dos seus livros. Lembra-me um amigo desta classe a quem emprestei o *Brás Cubas*; restituiu-me ao fim de poucas horas. “Não o entendo – disse-me. Perdi quatro ou cinco vezes o fio da ação”. E tinha razão; porque a ação para Machado de Assis não vale por si própria, como para os romancistas dramáticos; vale unicamente como motivo de interpretação. Por isso ele não se apressa, como não se apressa o sábio que estuda um fenômeno curioso, e se preocupa só com as condições do experimento. Também trata de quando em quando o leitor com essa absoluta sem-cerimônia que desnorteia os Acácios, e não trepida em mistificá-lo se é preciso. *Il ne se gêne pas*. “Não é possível que eu desenvolva este pensamento antes de acabar o livro; mas também não é impossível que o deixe como está.” Em outro ponto, depois de narrar episódios, intrigas, conseqüências de um baile, interrompe-se para notar de passagem: “Este baile – ia-me

esquecendo dizê-lo — era em casa do Camacho.” Outra coisa que ele desdenha são os efeitos retóricos; detesta a ênfase e a hipérbole tanto como a banalidade. Assim é que numa página do *Brás Cubas*, tendo exposto certa opinião em frases levemente oratórias, logo zombando, acrescenta: “Vive Deus! Eis um bom fecho de capítulo!” Há leitores que não perdoam essas liberdades...

Compreende-se que, com tais tendências, ao seu estilo falte por vezes movimento, ao menos movimento físico, ainda que O delírio de Brás Cubas nos dê em traços de *Buonarotti* a marcha épica das idades. Ajuntarei a propósito que as suas comédias são animadas, lépidas, ligeiras, sem digressões nebulosas que tolham a vivacidade do diálogo, e a distribuição bem cabida das cenas; uma dela, o Tu, só tu, puro amor, considera-o Teófilo Braga a melhor composição dramática existente sobre Camões. Mas eu imagino que Machado de Assis, se trabalhasse habitualmente para o teatro, destinaria as suas peças a um auditório sumamente restrito, porque, assim como a hilaridade grosseira, lhe repugnam os lances violentos que entusiasmam o povo; as situações emocionantes que ele prefere são todas de nuances, e há nuances terrivelmente trágicas... Do teatro antigo o drama favorito para Machado de Assis é supponho eu, o *Prometeu* e do teatro moderno o *Hamlet*. Um concretiza a sua concepção humana, o outro fala a linguagem do seu temperamento.

Os recursos descritivos não entram na sua esfera usual de observação; não que ele rejeite a descrição quando o assunto lha impõe; mas não se compraz nela, nem a procura intencionalmente. Os objetos lhe interessam menos pelo aspecto pitoresco que pelo sentido íntimo e pelas relações mútuas. Para ele, certamente, “a paisagem é um estado de alma”. Isso não significa que Machado de Assis trate os seus personagens como simples sinais algébricos, ou meros símbolos imaginários. Gosta de no-los apresentar principalmente quando valem a pena disso, como a formosa Virgília: “Era dessas figuras talhadas em pentélico, de um lavor nobre, rasgado e puro, como as estátuas, mas não apática nem fria. Ao contrário tinha os aspecto das naturezas cálidas, e podia-se dizer que na realidade resumia todo o amor...” Os seus olhos “davam uma sensação singular de luz úmida”, e a sua boca era “fresca como a madrugada, e insaciável como a morte”. As mulheres evocadas por Machado de Assis — para quem o eterno feminino é um vasto elemento moral — têm de ordinário uma soberania de beleza, de sedução, de

resistência ou de virtude, que lhes confere a vitória na luta com o sexo rival. Perversa não vejo nenhuma; perturbadoras há muitas, e de penosa decifração. Se é licito tomar uma comparação à pintura, — direi que essas mulheres não semelham a Sibilas hercúleas de Miguel Ângelo, às suaves e sadias camponesas de Rafael, nem às donzelas esguias e místicas da *Fra Angelico*, nem às ninfas robustas e sensuais de Rubens; semelham às criaturas estranhas e complexas de Leonardo da Vinci. Leitor, se algum dia viste no *Louvre* a *Gioconda*, esquecer-lhe-ás jamais o sorriso singularmente enigmático e cético, o mesmo da Leda que na *villa Borghese* reina, com a sua nudez triunfante dourada carinhosamente pelo tempo?...

E as conclusões do filósofo? São de um pessimista consumado. O *Brás Cubas* termina assim: “Há um saldo a meu favor: Não tive filhos; não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Reparei agora como termina o *Quincas Borba*: “Chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te. É a mesma cousa. O Cruzeiro do Sul, que a linda Sofia não quis fitar como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens”.

Portanto, a existência é miséria, e os astros contemplam indiferentes os nossos infortúnios. Mas não haverá para além dos astros alguém compassivo e remunerador — essa Justiça imanente que é ao mesmo tempo imanente Misericórdia? Cuido não errar afirmando que Machado de Assis, na sua consciência, tem a fé intensa com que se apela das iniquidades transitórias para a Suprema Sabedoria, que concerta e harmoniza as aparentes contradições do universo. Demais, ele está longe de ser um blasé. Zombar de certas ilusões não é dizer que tudo seja ilusão, como discutir aparências de virtude, não é negar a virtude mesma. Ele acha seguramente que a vida, apesar dos seus lados mesquinhos, tem muita cousa digna de afeto e culto; crê nos sentimentos fundamentais do homem, crê também na Arte, nessa Musa consolatrix, de quem fala com paixão não menor que a de Cícero celebrando os seus caros estudos no meio das discórdias civis. A ela, à suprema apaziguadora, à mágica deidade que “muda o agudo espinho em flor cheirosa”, à meiga e carinhosa enfermeira que sana as feridas e consola de todas as decepções, deve Machado de Assis os seus momentos de mais grato e produtivo sossego, longe do frívolo combate em que as gentes se digladiam para conquistar bens efêmeros, cuja posse, as mais das vezes, não corresponde à intensidade do desejo... Deve-lhe

também a imensa vantagem de partilhar todos os gozos espirituais deste século tão rico deles, sem ter saído nunca do seu recanto sul-americano; pois uma fina e rara intuição substitui na sua mente o proveito das viagens; de tal modo que o meio nacional, ou antes, fluminense, dominante nas suas obras, adquire, através de tão especial temperamento, sem perder a sua exatidão, uma peregrina transcendência que o tornaria interessante para os estrangeiros como para nós mesmos.

De resto ser bom é ainda um dos meios mais seguros de ser feliz, e Machado de Assis é nobremente, essencialmente, bom. Quando um artista está como carácter abaixo do seu próprio engenho, o público nada tem a ver com isso, porque os vícios dele não devem prejudicar o brilho da sua obra. Mas a superioridade moral em equilíbrio com a superioridade intelectual forma um tão belo conjunto que provaria mau gosto, mesmo estético, quem o olhasse com indiferença. É essa esquisita harmonia que faz do Presidente da Academia Brasileira o orgulho dos seus amigos, entre os quais me honro de ser contado; e ela é também para mim a garantia de que quantos o prezam e admiram terão em ler este estudo o mesmo prazer com que eu o escrevi.

[digitado por Juliana Ramos]

EÇA DE QUEIRÓS

Magalhães de Azeredo

Revista Moderna

Ano 1º - 20 de novembro de 1897 – Número 10

É fina e louvável a intenção que tem o Diretor da *Revista Moderna*, organizando uma homenagem coletiva de escritores portugueses e brasileiros a Eça de Queirós, no número em que se começa a publicar *A Ilustre Casa de Ramires*. A alta intelectualidade do Mestre que nos vai oferecer esta nova obra-prima, e a escolha dos nomes consideráveis – ilustres não poucos – que se reúnem aqui para saudá-lo, tiram felizmente a uma tal manifestação toda a afinidade e toda a semelhança com aquelas banais poliantéias de que tanto se abusa para exaltar personagens não menos banais. Aqui ninguém tem por certo que alinhar penosamente e por condescendência uns poucos períodos, lutando com um magro assunto; ao contrário, o que falta é espaço e tempo para o muito que haveria a dizer; e, se tempo e espaço não faltassem, em vez de cumprimentos cordiais e breves, largos artigos apareceriam, largos e ricos, de toda essa riqueza variada, viva, pujante, legitimamente preciosa que se pode colher na vasta obra de Eça de Queirós. Mas ela fala por si mesma, sem necessidade de arautos ou paraninfos – essa obra de uma originalidade soberba, já aliás estudada mais de uma vez por letrados de arguto e lúcido gosto; entre eles sobressaía o pobre Moniz Barreto, que, colhido pela Morte traiçoeira em plena mocidade, deixou, com outros fortes fragmentos, parte de uma apreciação magistral sobre o insigne romancista...

Mesmo, porém, sem trazer um estudo desse gênero, em que toda a produção do escritor fosse minuciosamente e completamente tratada,

este fascículo da *Revista Moderna*, sobre ter as condições artísticas que já constituem uma regra da casa, tem um inegável valor documental: os que o lerem, pelos autógrafos, pelas fotografias, sobretudo pelo recente e perfeitíssimo retrato de Eça de Queirós, poderão de certo modo conhecer mais ao perto o nobre escritor, que tanta gente estima através dos seus livros; e em interessantes páginas Eduardo Prado, seu velho amigo, com a competência que lhe vem da longa intimidade, acabará de fixar a fisionomia do homem, inseparável da do artista, quando este é dos que, como Eça de Queirós, põem no que crêem a sua própria alma, embora se não encerrem nos âmbitos de um perpétuo subjetivismo. Quanto a mim, dou graças ao Diretor da *Revista Moderna* porque me proporciona o prazer francamente completo de exprimir a Eça de Queirós, com um apreço literário já antigo e sempre crescente, uma simpatia pessoal que, embora nova como as nossas relações, nem por isso deve ser menos definitiva.

E com igual vontade quantos homens de letras brasileiros o celebrariam hoje! porque ele na minha pátria é lido e prezado como na sua própria. E pelo Brasil se interessa também extremamente; quantas vezes lhe ouvi que o seduziria um passeio às nossas terras de perpétua primavera verde envolta em éter perpetuamente azul e luminoso! Os que lá trabalham pelas eternas Belezas, segue-os de longe, como bons companheiros de lide e defensores da mesma causa a que tem votado a existência toda. Machado de Assis, Coelho Neto, Olavo Bilac, e outros ainda, têm nele um admirador caloroso, que não perde ocasião de os louvar. A propósito disso citarei um caso muito curioso e engraçado. Quando foi proclamada a República no Brasil, Eça de Queirós, cuidando que lá, como em Portugal, à eminência literária, correspondesse sempre a influência política, espantava os seus amigos brasileiros, perguntando-lhes com ânsia: Mas, no meio de todo este movimento, que diz, que faz o Machado de Assis?

Eça de Queirós já se vê hoje rodeado por essa unanimidade de respeito, que é para os escritores vivos (muitos morrem sem a alcançar) o melhor sintoma da glória duradoura. A carreira dos artistas como a dos estadistas divide-se geralmente em duas fases, que podemos chamar a fase revolucionária e a fase governativa; na primeira contra eles se desencadeiam todas as fúrias, todas as tempestades, todos os perigos; as suas doutrinas são contestadas, agredido o seu caráter; a diatribe é então moeda corrente, e a perfídia também, e também a calúnia; na

segunda já os berros ultrajantes se transformam em clangor de clarins triunfais, já os Cérberos cerram as suas tríplices goelas, já os adversários se rendem, ou pelo menos embainham os gládios, e o vencedor, pacificamente, dita leis; é quando Otávio toma o nome de Augusto, e Bonaparte o de Napoleão. Eça de Queirós, sem ter aliás que mudar de nome, chegou de há muito à fase governativa, depois de atravessar uma singularmente agitada fase revolucionária. Que ele começou logo como um agitador formidável, provocando protestos, urros e lamentos, declarando guerra com furiosa audácia a idéias, a instituições, a costumes dominantes e fortemente apoiados.

O que ele fez, só nos seus livros, e aliado nas *Farpas* ao vigoroso e simpático Ramalho Ortigão, foi uma coisa inaudita em Portugal, uma coisa que espantou e revoltou pela sua irreverência legiões de desembargadores, de conselheiros, de licenciados, de plumitivos timoratos, e de retumbantes ou lacrimosos bardos neo-românticos! A reação era, esteticamente, boa, e necessária; os seus promotores, no ardor do combate, demoliram demais, feriram demais, cometeram talvez injustiças? é possível e provável; que reação deixou ainda de ir nimicamente longe? Mas o tempo corrige por si mesmo os excessos, consolidando os resultados úteis; e daquela remota luta não poucos resultados úteis se colheram. Creio bem que por momentos, a tarefa parecesse ingrata aos dois valentes companheiros, embora se vissem sustentados, em outra esfera de ação, por homens como Antero do Quental e Oliveira Martins. Mas, além disso, eram moços e bravos, tinham energia e esperança, e com tais elementos não há fugir das batalhas. A maioria, entretanto, lhes havia de ser forçosamente adversa, porque eles iam, paladinos de uma arte nova, contra uma escola que, grande e fecunda antes, entrara na quadra do marasmo senil, arrastando-se tropeçadamente arrimada à banalidade palavrosa e ao falso e convencional sentimentalismo; ora, a banalidade e o sentimentalismo são instituições que gozam do favor público, e quando alguém ousa tocá-las, o primeiro impulso das massas é proscrevê-lo como um malvado e apedrejá-lo como um sacrílego.

Já vão longe esses dias de polémicas acerbas e renhidas; eu falo deles como dos sucessos que a gente aprende na história, porque então, se já nascido, andava no colégio, e as letras que me interessavam eram as do alfabeto... Mas de todas as polémicas a obra de Eça de Queirós saiu intacta e vitoriosa. Por quê? Antes de tudo, porque ele é um extra-

ordinário criador de tipos. Ser pai é sempre na ordem da natureza uma grande ação; somente, é ação que está ao alcance de qualquer imbecil, de qualquer animal até, e por isso tem, na opinião geral, mérito muito relativo... Mas transmitir a vida pela arte, engendrar e agrupar seres animados a que uma forma superior dá existência mais longa que a dos indivíduos reais, eis o que é raro e belo, e eis o que tem feito Eça de Queirós. Os seus personagens não são autômatos ou bonecos de engonço, engenhosamente montados, que movem um braço ou uma perna, gritam *Ah!* ou *Ui!* quando o empresário mexe tal corda ou tal outra por detrás dos bastidores, recitando ao mesmo tempo narrações e dissertações explicativas. São homens de verdade, homens de carne e osso, homens de alma, que riem, que pensam, que amam e odeiam, divertem-se e brigam, fumam e jogam, têm virtudes e vícios, sabem sofrer e gozar, desde o prazer de uma boa mesa até o prazer da vingança. Quem esquecerá mais, uma vez que os chegou a conhecer, o “douto Topsius”, o Craft, a Juliana, o ministro da Finlândia, o obeso, covarde e grotesco Damasozinho, a Raquel Cohen e a Maria Eduarda, o agitado e fulgurante João da Ega, encarnação do autor em tantos traços, e o recente José Matias, de uma psicologia tão profundamente complicada e tenebrosa? Outros, o Primo Basílio, e o conselheiro Acácio, não são apenas *tipos*, têm a natureza mais vasta de *caráteres*, como Tartufo, como Don Juan, e são imortais como eles. O facundo e solene conselheiro Acácio é mesmo um poder do Estado, uma mola social, uma veneranda e ridícula instituição...

E toda essa gente se agita e se encontra num meio encantadoramente pitoresco. Como vivem os personagens, vive também a paisagem, e o horizonte também vive; vive a cidade com os seus rumores canalizados nas ruas estreitas, vive o campo com o seu amplo silêncio, perfumado de feno e tomilho, iluminado pela claridade do imenso céu aberto, refrescado pelas fontes de uma limpidez diamantina, deliciosamente ensombrado pelas faias e pelos castanheiros... Vive tudo isso, por que a linguagem vive. Aquele verso de Victor Hugo – “*Sachez-le bien; le mot est un être vivant!*” – pode ser transcrito no frontispício de todos os livros de Eça de Queirós. Ele é um dos que mais cabalmente têm provado de quanto é capaz o nosso claro e belo idioma português, cheio de sonoridade e de colorido, de majestade e de graça, de melancolia e de voluptuosidade, de ternura e de vigor. Os seus períodos surpreendentes e fulgurantes, tão cortados de caprichos imprevistos e,

contudo, tão magistralmente equilibrados, ao passo que seduzem o ouvido pela harmonia e pelo ritmo, estimulam todos os outros sentidos pelas imagens várias, pelas várias sensações que vão evocando. E esse estilo magnífico tudo sabe exprimir: todas as elegâncias e todas as deformidades, todas as alegrias e todas as dores, todas as cóleras e todas as piedades, todas as nobrezas e todas as vilanias, todas as gargalhadas da farsa e todos os gemidos da tragédia.

Uma tal exuberância de pensamento e de expressão só pode provir de um temperamento transbordante de vitalidade. Muitos leitores, atendo-se a um exame superficial, julgam Eça de Queirós um cético. Cético? Apaixonado, e grandemente, é que ele me parece. A sua terrível ironia, que deixa marcas indeléveis como as da vergasta nos lombos em que ele a aplica, nada tem de comum com a ironia resignada e pálida dos que chegaram à clausula de todas as descrenças; é uma arma de guerra, é uma arma de fidalgo cavaleiro que investe com fúria e frenesi contra os inimigos que lhe irritam os nervos. Na Idade Média ele iria reptar de viseira erguida e montante em punho arrogantes tiranetes feudais. Hoje, na nossa sociedade chatamente burguesa, os adversários são outros, não menos insolentes, e mais ridículos. Há egoísmos, há mesquinhezes, há hipocrisias, há durezas d'alma, há triunfantes mentiras, que o artista não pode ver sem fremir de indignação. E, seja embora por vezes demasiado cruel, é inegável que o guia um sentimento de justiça na raiva com que ele fustiga, por exemplo, a Madama obesa do *Boulevard Haussmann*, que numa praia da Normandia, pesadamente sentada à beira-mar, insulta o marido que impediu os seus cães de morder uma perna humana, e expõe a berros esta hedionda fórmula de moral prática: *Quand ils mordront, on payera le médecin!*

Em espírito assim organizado as emoções dolorosas devem ter uma intensidade rara, mas em compensação o pessimismo aí não chega a lançar raízes. O pessimismo conduz naturalmente à inércia, e é incompatível com o instinto da combatividade, que supõe apego à existência. E não é uma sátira sutil à inanidade prática do pessimismo a última página dos *Maias*, onde aqueles dois amigos, o Carlos e o Ega, depois de concluir desoladamente que não vale a pena correr atrás de nenhum bem deste mundo põem-se a correr a toda a velocidade das pernas atrás do americano que passa, para não chegarem tarde ao jantar?

Mas, enfim, para julgar informadamente a Eça de Queirós, cumpre conhecê-lo de perto, porque ele é o comentário vivo da sua obra.

No afeto, na estima e admiração que ele inspira aos seus amigos nunca entrarão as justas reservas que a irreverência do seu antigo método de ataque possa ter inspirado por vezes aos que, como eu, procuram ter a virtude do respeito. De resto, ele a não ignora; vede a veneração com que se inclina ante a figura nobre e as câs sem mácula do velho Dom Afonso da Maia!... Hoje sobretudo que Eça de Queirós se tem afeiçoado a uma doce influência familiar e cristã, hoje que o carinho dos lindos filhinhos lhe tem enternecido no coração a própria fibra de lutador, compreende-se bem claramente quanto era vã e mentida a lenda de “homem friamente implacável”, que inimigos pouco escrupulosos tentaram construir sobre alguns livros do ilustre escritor. Por minha parte direi que não só pelo brilho intelectual e pela verve fascinadora da sua conversação, mas ainda pelo agasalho hospitaleiro da sua bondade, pelo calor afetivo do seu gênio, os serões da sua casa de *Neuilly* serão sempre contados entre as horas deliciosas da minha vida.

[digitado por Roberto Loureiro]